



14º Seminário Nacional Sociologia & Política

Saberes em Confluência

GT 04 – Sociologia da Cultura

Academia Cruzalmense de Letras (ACL)

e a noção de “minoría” em Raymond Williams

Sarah Roberta de Oliveira Carneiro<sup>1</sup>

## RESUMO:

A pensadora Maria Elisa Cevalco, ao falar dos alinhamentos epistemológicos entre Richard Hoggart e Raymond Williams, na medida em que nos comunica em seu livro “As Dez Lições Sobre Estudos Culturais” o quanto ambos se esforçaram, ainda que em graus diferentes, para se afastarem da atmosfera elitista que circunda os enunciados sobre cultura e crítica literária proferidos principalmente por Coleridge, Arnold e Leavis, salienta que Hoggart e Williams são oriundos da classe trabalhadora e se interessam por “manifestações que a tradição da alta cultura relega à confusão conceitual ‘de cultura popular, de massas, da classe trabalhadora [...]’” (CEVASCO, 2003, p. 21). Como sabemos, tal confusão, observada por Cevalco, está expressa em abundância nas sociedades, inclusive, em alguns aportes teóricos, entre os quais, os delineados pela Escola de Frankfurt. Sem dúvida, um dos principais chamamentos de Williams (1969) é exatamente nos motivar a diluirmos as assimetrias imputadas aos bens culturais diversos, nos estimulando, assim, a dissiparmos a ideia de que cultura é atributo concedido a

---

<sup>1</sup> Pós-doutora (Université Paris 8), professora Adjunta IV (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB) e pós-doutoranda no PPGSOCIO/UFPR. sarahcarneiro@ufrb.edu.br

uma “minoria educada, doce e perfeita”. No entanto, basta uma mirada na paisagem social da sociedade brasileira para percebermos que a dinâmica das hierarquias e o princípio do prestígio social pairam como variáveis no campo cultural, o que se verifica, por exemplo, na classificação dos museus: há os mais e os menos badalados, e também na desigual distribuição de salas de cinema pelo País, com uma concentração explícita desses equipamentos nas capitais dos estados em detrimento das cidades do interior. Se pensarmos em termos de literatura, a tendência é indicarmos as academias de letras, que, em conformidade com o modelo francês congregam 40 imortais e têm por objetivo o cultivo da língua e da literatura nacional, como entes propagadores de uma dita superioridade; neste caso, no que tange o domínio da escrita. Elas representariam então o que Leavis disseminou em seus estudos, ou seja, funcionariam como espaço a atualizar as perspectivas que compreendem cultura como dimensão reservada aos eleitos. Será? Eis o debate que esta proposta de trabalho deseja fomentar, ao tomar como recorte empírico a Academia Cruzalmense de Letras (ACL), criada pela Lei Municipal nº 2797/21, de autoria do vereador petista Pablo Rezende (mandato 2021-2024), e fundada no ano de 2022 na cidade baiana de Cruz das Almas, situada a 150 quilômetros da capital Salvador e com uma população de aproximadamente 63 mil habitantes (IBGE, 2023). Trata-se, pois, de uma academia de letras em atuação no chamado Brasil profundo, longe dos holofotes, o que por si só já demarca um deslocamento do cânone, posto que as academias de letras, em terras brasileiras, estão associadas aos grandes centros urbanos. Integra a ACL um conjunto plural de sujeitos escreventes, aspecto que aciona dinâmicas que nos encorajam a repensarmos algumas reflexões de Raymond Williams, entre as quais, a noção de “minoria”, lançando as seguintes perguntas: que minoria é esta que compõe uma academia de letras situada em uma pequena cidade do Nordeste brasileiro? Tal minoria representa os valores da classe dominante ou está a serviço da cultura comum?

Palavras-chave: academia de letras, minoria, pequenas cidades, outras abordagens.

## INTRODUÇÃO

Quem se interessa pelos estudos acerca da literatura brasileira sabe que o sociólogo Roger Bastide, conforme nos lembra Antonio Candido (1993), é um dos principais comentadores da escrita, cujos autores têm o Brasil como lugar de nascimento e, muitas vezes, o território narrável das suas obras, e que ele, portanto, contribuiu de forma significativa para compor possibilidades interpretativas e analíticas acerca da produção literária do País, tendo redigido ensaios sobre Machado de Assis, Castro Alves e Cruz e Sousa. O que talvez muitas pessoas desconheçam é que Bastide destinou observações e comentários para poemas da escritora Jacinta Passos, que nasceu em 1911 na fazenda Campo Limpo, na cidade baiana de Cruz das Almas<sup>2</sup>, no Recôncavo, muito longe do eixo Sul – Sudeste, este recorte da imensa

---

<sup>2</sup> Cruz das Almas dista aproximadamente 1.800 quilômetros da cidade de São Paulo.

extensão que é o Brasil e que por muito tempo se configurou e ainda insiste em se colocar como o chamado centro da cultura e da civilidade brasileira (SANTIAGO, 2025).

Embora o presente trabalho não se volte necessariamente ao tensionamento desse discurso complexo, controverso e questionável, que afetou e segue afetando os referenciais de nacionalidade, assim como as compreensões em torno das categorias “capital” e “cidades do interior” que perpassam a sociedade brasileira, sobretudo, em razão dos enunciados da mídia massiva, faz sentido de alguma forma cutucá-lo ao associarmos os nomes do intelectual francês Roger Bastide e da cruzalmense Jacinta Passos. Afinal, ao abordarmos o binômio literatura e Brasil, verifica-se uma tendência no debate público a excluir certas territorialidades, determinadas etnias, algumas classes sociais etc., de modo que ainda que Carlos Drummond de Andrade tenha levado Itabira para os seus poemas e Cora Coralina ressoado em sua obra a cidade do Goiás, verdade é que as pequenas e médias cidades no imaginário social brasileiro não costumam ser percebidas como lugares que têm intimidade com a literatura.

Em poucas palavras, faz-se aqui uma apresentação de Jacinta Passos: filha da aristocracia cruzalmense, escolheu por meio da literatura e da corajosa atitude política traçar um percurso de vida revolucionário e a favor dos direitos humanos. Entregou-se à escrita e fez da palavra a sua ação no mundo. Publicou poemas, contos, ensaios e peças de teatro, e teve presença ativa no jornalismo. Sua trajetória literária recebeu o reconhecimento de críticos e escritores – além do citado Roger Bastide, também comentaram seu trabalho Antonio Cândido e Mário de Andrade. Sua publicação “Canção da partida” foi ilustrada por Lasar Segall. Jacinta foi filiada ao Partido Comunista do Brasil (PCB) e seus escritos estão reunidos no livro “Coração Militante: obra completa - poesia e prosa, biografia, fortuna crítica”, organizado por sua filha Janaina Amado. Jacinta foi casada com James Amado, irmão do célebre escritor Jorge Amado.

No Brasil, o cânone<sup>3</sup> nos estimulou a vermos o fazer literário como atributo dos grandes centros urbanos, ignorando a produção das partes geográficas que, nas abordagens do escritor Sérgio Vaz, são chamadas de bordas (VAZ, 2008). Contudo, a partir de uma posição crítica frente a tal esquadrinhamento e com o objetivo de analisar a Academia Cruzalmense de Letras (ACL) em contato com a noção de “minorias” presente nos estudos feitos por Raymond

---

<sup>3</sup> Cânone entendido como uma espécie de regime de valores estéticos que, a partir da parametrização de padrões, define quais são as obras e os autores que portam o signo da legitimidade. Para mais informações, ver: PEREIRA, Edmilson de Almeida. Territórios cruzados: relações entre cânone literário e Literatura Negra e/ou Afro-brasileira, In: PEREIRA, Edmilson de Almeida e DAIBERT JR., (orgs.). **Depois. o Atlântico**. Juiz de Fora, 2010.

Williams, esta comunicação expõe reflexões que podem vir a servir como subsídio para a problematização de algumas certezas canônicas que se estruturaram, por exemplo, a partir da espacialidade. Nesta direção, o trabalho investigativo aqui sugerido adotou o método observação participante e, ancorado na questão central: o que pode a literatura nas pequenas e médias cidades do Brasil?, se pautou mais especificamente pelas seguintes perguntas: de que minoria estamos falando quando estamos tratando de uma academia de letras situada em uma pequena cidade do Nordeste brasileiro? Tal minoria representa os valores da classe dominante ou está a serviço da cultura comum?

A Academia Cruzalmense de Letras (ACL) foi criada<sup>4</sup> pela Lei Municipal nº 2797/21 sob a inspiração da Academia Brasileira de Letras (ABL), a qual por sua vez se conecta com o modelo adotado pela Académie Française. Deste modo, está projetada para abrigar 40 imortais. Contudo, apenas 15 dos seus lugares foram preenchidos inicialmente com aqueles que são seus membros fundadores. Ao longo dos três anos de existência, a organização teve mais cinco das suas cadeiras ocupadas. Mas, como dois membros faleceram, a academia conta hoje efetivamente com 18 membros empossados e um membro benemérito. Para a realização deste trabalho investigativo, as ações da ACL examinadas, e que como já foi dito serão abordadas em conexão com uma parte específica do repertório teórico de Raymond Williams, transcorreram entre maio de 2022 e dezembro de 2025.

Convém ainda informar que o município de Cruz das Almas, localizado no Recôncavo da Bahia a aproximadamente 150 quilômetros de Salvador, tem uma população de 63.203 habitantes (IBGE 2022), e em suas terras estão instaladas a única unidade baiana da EMBRAPA (Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária) e o principal campus da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB), instituição que em julho de 2025 completou 20 anos. O Recôncavo já foi um dos maiores produtores de tabaco do Brasil e, apesar da produção ter caído ao longo dos anos, segue se destacando na fabricação de charutos (ADAB, 2023). A economia de Cruz das Almas tem, portanto, vinculação com a agricultura, em especial, com o cultivo de fumo, laranja, limão tahiti e mandioca, de modo que sua paisagem social, embora seja marcada por uma atmosfera científica e educacional, expressa afinidade com aspectos rurais.

---

<sup>4</sup> Lei assinada por Pablo Rezende, historiador que à época exercia mandato como vereador pelo Partido dos Trabalhadores (PT).

## DESENVOLVIMENTO

Paulo Cesar Alves, Andréa Borges Leão e Ana Lúcia Teixeira (2018), no esforço de escreverem sobre o estágio atual da sociologia da literatura em território nacional, admitem que, no Brasil, a institucionalização desta área é relativamente recente, datando do final do século XX. Concomitantemente a esta observação, os autores, olhando para além do Brasil e voltando-se para o acervo textual legado pela sociologia clássica, afirmam que Conte, Marx, Durkheim, Tarde, Simmel e Weber deram pouca importância à estética, razão pela qual quase não deixaram escritos sobre literatura. Sendo assim, talvez não seja leviano dizer que é somente tardiamente que a literatura passa a receber atenção como objeto científico na sociologia, e esta atenção foi se rebuscando ao longo do tempo.

Considerando, então, que foram as disciplinas humanísticas que, primeiro, se ocuparam da literatura, Alves, Leão e Teixeira (2018) informam que, em princípio, verificou-se o que se chamou de “estética sociológica”, cujas preocupações estiveram centradas na “delimitação das condições sociais, culturais e materiais presentes na obra literária” (*Ibidem*, p. 228), tomando, deste modo, a literatura como evidência do mundo social. A segunda tendência investigativa seguiu visivelmente vinculada à estética sociológica, mas com o foco na identificação das qualidades literárias da obra, com base nos elementos formais da arte, ou seja, “técnicas, gêneros, relações sintagmáticas, conteúdo da linguagem e influências estéticas” (*Ibidem*, p. 228), o que resultou em trabalhos assentados na crítica literária, ainda que contando com uma pluralidade metodológica significativa.

Por fim, nota-se uma terceira abordagem, a qual se relaciona ativamente com os estudos históricos e se afasta do centramento do texto como o eixo em torno do qual as análises são produzidas, como acontece nas duas correntes analíticas anteriores. Verifica-se, pois, que a partir dessa terceira angulação investigativa os estudos feitos tornam-se mais livres em relação ao chamado para fazermos da obra literária a principal e, por vezes, a “única” categoria de análise a ser observada nas abordagens sociológicas que pautam a literatura. Dito isto, este artigo fez a escolha de apreender a literatura como prática social, encontrando amparo, portanto, no pensamento de Raymond Williams (2011), cujo arcabouço redundou, entre outros arremates, na concepção do materialismo cultural, que não se volta aos produtos da cultura como se estes fossem dimensões apartadas dos processos sociohistóricos. Eis, pois, o que nos comunica Maria Elisa Cevalco: “o materialismo cultural não considera os produtos da cultura ‘objetos’, e sim

práticas sociais (CEVASCO, 2003, p. 148). O objetivo da análise materialista é desvendar as condições dessa prática e não somente elucidar os componentes de uma obra.

Indicada esta orientação teórica, é pertinente, antes de falarmos mais especificamente sobre as ações da Academia Cruzalmense de Letras (ACL) e da sua interferência na sociabilidade local, fazermos uma sucinta exposição sobre a Academia Brasileira de Letras (ABL), que foi fundada em 20 de julho de 1897, tendo o escritor Machado de Assis como o seu primeiro presidente e desde já a missão da ABL era zelar pela língua e pela literatura nacional. Inicialmente, a ABL contou com 30 acadêmicos e não tardou muito para outros dez entrarem, complementando o conjunto dos 40 imortais em sintonia com o modelo francês. Formou-se, assim, uma academia constituída apenas por homens brancos e em sua maioria relacionados ao universo carioca. A primeira mulher a entrar foi a escritora cearense Rachel de Queiroz, em 1977, valendo ainda dizer que, antes disso, no século XIX, a cronista carioca Júlia Lopes de Almeida, mesmo tendo participado ativamente das reuniões preparatórias da ABL, ficou de fora do seu grupo fundador.

Com tal relato fica evidente que a ABL tem uma gênese machista, excludente e elitista, e mais: seguiu um percurso institucional pouco afeito à luta antirracista. Afinal, prestes a completar 130 anos de existência, não chega a uma dezena o número de escritores negros admitidos, hoje, – lembremos, inclusive, que a primeira escritora negra a integrá-la como imortal tomou posse em julho de 2025; estamos a falar da mineira Ana Maria Gonçalves, autora do premiado livro “Um defeito de cor”. Observações similares acerca da sua constituição são encontradas em estudos científicos a respeito da ABL, de modo que sobre a sua formação, por exemplo, linhas como estas já foram escritas: “Em meio a encontros regados a chá (símbolo do aburguesamento) e discursos imponentes, forma-se a ABL, composta por expoentes políticos e culturais da época, propositalmente como forma de “selecionar” aqueles que seriam privilegiados e usufruiriam da influência da agremiação” (CASTELLO; MEDEIROS; ALMEIDA, 2019, p. 131).

A aura aburguesada que a circunda não invalida, no entanto, a finalidade para a qual a ABL foi criada, ou seja, o cultivo da língua e da literatura nacional e, como dizem Castello, Medeiros e Almeida: “equivoca-se quem não a julga necessária” (CASTELLO *et al*, p. 133). Contudo, para seguir sendo realidade válida e defensável, há sim de se deixar ser preenchida pela diversidade de vozes que constituem o fazer literário brasileiro, o que parece estar a acontecer, ainda que tardiamente, quando se observa, por exemplo, as entradas nos últimos anos do músico Gilberto Gil e do indígena Ailton Krenak como acadêmicos. Gil na cadeira Número

20, cujo patrono é o médico e escritor Joaquim Manuel de Macedo, e Krenak na cadeira Número 5, que tem como patrono o autor mineiro Bernardo Joaquim da Silva Guimarães.

Dito isso e avançando em direção ao propósito deste texto, é chegada a etapa de trazermos as argumentações elaboradas por Raymond Williams (2011), que não escreveu propriamente sobre as academias de letras, mas não deixou de tecer comentários sobre grupos culturais, ao voltar suas reflexões para o Círculo de Bloomsbury, tendo inclusive deixado enunciado que, em se tratando de análise de grupos, “o número de pessoas envolvidas costuma ser pequeno para análises estatísticas” (*Ibidem*, p. 201). A título de informação, o Círculo de Bloomsbury, cuja aposta era, segundo Raymond Williams (2011), no indivíduo livre e civilizado, é “um dos agrupamentos responsáveis por inserir o modernismo nas artes inglesas, que reuniu intelectuais como a escritora Virginia Woolf (1882-1941), o economista John Maynard Keynes (1883-1946), o filósofo e crítico de arte Clive Bell (1881-1964), o romancista E. M. Forster (1879-1970), entre outros” (CZAJKA *et al.*, 20023, p. 12).

Nas palavras do próprio Raymond Williams, o referido coletivo, olhado em retrospecto, pode ser visto como “um grupo de talentos extraordinários” (WILLIAMS, 2001, p. 205) e vinculado a um setor altamente erudito da classe dominante inglesa (*Ibidem*, p. 217). No entanto, em suas reflexões acerca do Círculo de Bloomsbury, ele deixa rastros de dúvida quanto à permanência dos seus membros na memória coletiva, perguntando-se em que medida eles, se não associados ao mencionado agrupamento, seriam lembráveis mais adiante no tempo, e em paralelo a esta provocação formula expressões inquietantes, tais como “aristocracia da inteligência” (*Ibidem*, p. 219).

Essas inferências sugerem a perspectiva do grupo e da posição social dos seus membros como dinâmicas legitimadoras dos seus afazeres artísticos e intelectuais, e não exatamente as competências subjetivas de cada membro como o percurso para tal. Ainda que não seja foco deste artigo o aprofundamento dessas observações, elas aqui aparecem como contexto teórico apenas para, quando mais adiante a Academia Cruzalmense de Letras (ACL) for minimamente apresentada, possamos ter uma dimensão mais aproximada de que estamos a tratar então de outra modalidade de minoria, de outras modelações de inteligência coletiva.

Mesmo não havendo registros de Raymond Williams sobre academias de letras, talvez não seja forçoso dizermos que, se olharmos as academias de letras a partir do seu arcabouço teórico, concluiremos que elas congregam aspectos que ilustram aquilo que teria causado incômodo ao crítico galês quando o assunto é cultura, e isso pode ser falado justamente porque as academias de um modo geral têm disposição para abarcarem uma acepção de cultura ligada

à emanção do espírito, como se a cultura fosse fruto de uma certa elevação d'alma resultante da abstração do caos, nuances conceituais estas contra as quais Raymond Williams se posicionou, conforme podemos admitir se pegamos como rota as trilhas interpretativas sugeridas por Cevasco, que aponta para o desenvolvimento de “uma teoria oposicionista” (CEVASCO, 2001, p. 20) por parte de Williams, cujas formulações posicionam a cultura como parte da vida ordinária, como prática constitutiva da lida diária dos sujeitos, o que não é, sabemos, o que transparece nos circuitos das academias de letras. Afinal, vejamos o que nos diz este outro estudioso da ABL:

Desse modo, a fundação da Academia Brasileira de Letras serviu como uma espécie de divisor de águas no âmbito da estética literária brasileira: de um lado, situavam-se os acadêmicos, cuja condição especial concedia-lhes um prestígio almejado por muitos autores e contribuía para a manutenção do status quo; de outro lado, encontravam-se os não acadêmicos, que além de precisarem angariar a atenção do público por méritos muito próprios, não possuíam as benesses e o reconhecimento da oficialidade artística e da sociedade em geral”. (SILVA, 2007, p. 71).

Os contornos de prestígio associados à ideia de cultura estavam longe de ser a preferência de Raymond Williams. Cevasco (2003), inclusive, ao falar dos alinhamentos epistemológicos entre Richard Hoggart e Raymond Williams, na medida em que nos comunica em seu livro “As Dez Lições Sobre Estudos Culturais” o quanto ambos se esforçaram, ainda que em graus diferentes, para se afastarem da atmosfera elitista que circunda os enunciados sobre cultura e crítica literária proferidos principalmente por Coleridge, Arnold e Leavis, salienta que Hoggart e Williams são oriundos da classe trabalhadora e se interessam por “manifestações que a tradição da alta cultura relega à confusão conceitual ‘de cultura popular, de massas, da classe trabalhadora [...]’” (CEVASCO, 2003, p. 21).

Fica, portanto, a impressão de que um dos principais chamamentos de Raymond Williams (1989) é exatamente nos motivar a diluirmos as assimetrias imputadas aos bens culturais diversos, nos estimulando, assim, a dissiparmos a ideia de que cultura é atributo concedido a uma “minoridade educada, doce e perfeita”. Como foi dito anteriormente, ele reservou tempo para refletir acerca de grupos, centrando-se no Círculo de Bloomsbury – e fez isso em sintonia com o seu conceito de “estrutura de sentimento”. Tal informe é retomado aqui porque parece válido indicarmos que ainda que a Academia Cruzalense de Letras (ACL) seja um grupo, neste artigo ela não está abordada sob o crivo da “estrutura de sentimento”, ou seja, não nos voltamos, por exemplo, à avaliação do que os livros dos seus membros propagam, mas sim

à repercussão da sua atuação como prática social na cidade de Cruz das Almas, conforme insinuado previamente.

Está evidente que recorrermos ao esquema teórico de Raymond Williams é optarmos por apreendermos o fenômeno cultural como parte de uma estrutura social com seus sentidos e seus valores; e se plasmarmos a esta abordagem uma academia de letras nos moldes em que é a Academia Brasileira de Letras (ABL), a tendência é crermos que tais valores são os da elite, representem os anseios de uma “minoría”, terminologia esta que no aporte teórico de Williams (2011, p. 204) aparece sendo retomada de outros autores, entre os quais, Clive Bell e Leavis assim como acontece com a noção de “aristocracia intelectual”, pinçada das contribuições de Lord Annan (*Idem*, p. 204). Uma vez retomando a noção de minoria, o crítico galês o faz exteriorizando o seu incômodo frente à ideia de que uma pequena minoria deva ocupar um lugar privilegiado de guardião da tradição e, assim sendo, ele projeta formulações alusivas à cultura comum, cultura ordinária. Vejamos o que nos diz:

Ao dizer cultura comum diz-se, primeiro, que a cultura é o modo de vida de um povo, assim como as contribuições vitais e indispensáveis de pessoas especialmente talentosas e identificáveis, e está se usando a ideia do elemento comum da cultura – sua comunidade – como uma maneira de criticar a cultura dividida e fragmentada que efetivamente temos (WILLIAMS, 1968, p. p.35).

Há um significado profundo nessas palavras de Raymond Williams e a elas a Academia Cruzalmense de Letras (ACL), mesmo sendo uma minoria, se vincula, posto que não se coloca no lugar de detentora daquilo que de especial a humanidade congrega, para então do alto da sua capacidade espiritual propagar e espalhar a luz sobre os mortais, conforme se verifica com as academias de letras de uma forma geral, com destaque para a Academia Brasileira de Letras (ABL). Em que pese os membros da ACL estarem, não se pode negar, a compor um grupo seleto em torno da literatura na cidade de Cruz das Almas, usarem fardão em algumas das cerimônias da instituição e desfrutarem do título de imortais, trata-se de escritores e escritoras que estão a serviço da cultura comum, porque é exatamente o fato de estarem a viver a cultura comum da cidade aquilo que os credenciou para serem membros fundadores da academia.

Sendo assim, os membros da ACL não encarnam a ideia de minoria que, recuperada criticamente por Raymond Williams de seus antecessores, em especial, Leavis, é enfrentada por ele, Williams, a partir da valorização da cultura comum. Tal afirmativa sobre a ACL pode ser feita, tanto porque há uma pluralidade no perfil dos membros da ACL, a saber: trata-se de sujeitos diversos no tocante à classe social, escolaridade, etnia, idade, gênero e estilo literário,

quanto porque se nota uma forte ressonância da ACL na sociabilidade da cidade, conforme será ilustrado mais adiante a partir de algumas das ações realizadas pela academia desde a sua fundação em 2022. Por falta de espaço, a pluralidade constitutiva da ACL não será expressa em sua totalidade nestas linhas, mas para que fique registrada uma ideia mínima a este respeito, é pertinente informar que a referida academia integra cientistas, que se aposentaram como pesquisador sênior na Embrapa, estamos a falar dos agrônomos Hermes Peixoto Santos Filho e Luiz Francisco da Silva Souza, e cordelistas, a exemplo da escritora Laurenice Barbosa, que tem ensino médio completo.

Para deixar evidente o quanto a cultura comum perfaz a ACL, destacamos aqui duas escritoras, a saber: a já citada cordelista Laurenice Barbosa e a bordadeira Zinha Costa. Laurenice concluiu os estudos tardiamente e publicou os seguintes cordéis: “O Brasil com Aquilo Roxo”, “Carreira Interrompida”, “O Desemprego e seus Capangas” e “O São João de Cruz das Almas”. Ela é membra fundadora da cadeira Número 12, cujo patrono é o cordelista Conde Barbosa. A outra escritora é Maria de Lourdes Nascimento Costa, mais conhecida como Zinha Costa, que aos 100 anos passou a integrar a ACL, sendo fundadora da cadeira Número 16, cuja patronesse é a agitadora cultural Armandina Gomes de Santana, conhecida como Dona Lozinha. Aos 99 anos, Dona Zinha publicou o livro “Poemas Bordados em Bastidores”. Aos 101 anos veio a falecer e seu fardão compôs o seu rito fúnebre. Ela estudou até o sétimo ano do Ensino Médio.

A partir dessa explanação, a ideia de uma minoria, encharcada de valores burgueses e conectada com a classe dominante, não se confirma. Junta-se à essa quebra de ordem semântica o fato da academia está sediada, como dito anteriormente, fora dos holofotes da chamada “sociedade do espetáculo”<sup>5</sup>, distante do eixo cultural, leia-se: Sul-Sudeste. A emergência da ACL em um município de pouco mais de 60 mil habitantes, na Bahia, no Nordeste, pode ser apreendida como uma “quebra de paradigma”, uma “ousadia civilizatória”, “um desvio simbólico”, se levarmos em consideração como as pequenas e médias cidades são percebidas tanto midiática como cientificamente no País, ou seja, como nada mais nada menos do que um lugar distante da capital com transações comerciais de baixa representatividade econômica no cenário global (FERREIRA, 2001, p. XV).

---

<sup>5</sup> Expressão legada de Guy Debord. Para saber mais, consultar: DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo: comentários sobre a sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

Tomando como ponto de partida a fundação da ACL, o que se pode dizer é que desde que a academia começou a sua atuação em 2022, a cidade de Cruz das Almas vivenciou vários redimensionamentos, de modo que não somente agregou as solenes palavras “confrade” e “confreira” em seu vocabulário cotidiano, como passou a contar com a circulação de imortais pelas ruas em contato com a já enriquecedora presença de agricultores(as), feirantes, vaqueiros(as), costureiras(os), sapateiros(as), professores(as), sambadeiras(os), sanfoneiros(as) etc. O território testemunhou ainda a inserção de discursos poéticos em sessões especiais da Câmara de Vereadores; ganhou uma singela livraria na Cofel, maior loja do comércio local, e está a vivenciar a projeção da literatura de cordel.

Para além disso, inscreveu o seu nome no documentário *Narrativas Cruzalenses*<sup>6</sup>, teve sua agenda social ampliada a partir do “Com a palavra...”<sup>7</sup> e a programação radiofônica foi expandida com a chegada do “Papo Literário”, programa produzido pela ACL na rádio comunitária Santa Cruz FM e que vai ao ar às terças-feiras, às 21h. Trata-se, pois, de uma academia de letras em atuação no chamado Brasil profundo a serviço da cultura comum, ao mesmo tempo em que cumpre o seu papel de ser guardiã da língua e da literatura nacional, integrando inclusive a Rede de Integração Cooperativa das Academias de Letras da Bahia (RICA) sob a liderança da Academia de Letras da Bahia (ALB).

Ao descrevermos sucintamente a composição da ACL e exibirmos algumas das suas iniciativas, além de ficar evidente a congruência entre minoria, cultura comum e salvaguarda da tradição, o que desafia algumas das assertivas do esquema analítico de Raymond Williams, tem-se material para a verificação da mútua afetação entre cultura e território, com o acionamento de processos simbólicos que mobilizam sentidos que contribuem para romper o elitista regime categorizador das academias de letras, como realidade exclusiva dos grandes centros urbanos, friccionando, assim, inclusive, a categoria de análise “cidade”.

Neste sentido, vale retomarmos uma das ações da ACL, a saber: o evento “Com a palavra...”, o qual tem periodicidade semestral e se configura como um bate-papo entre escritores(as), pensadores(as), intelectuais e o público. As temáticas com explícita relação com a dinâmica socioeconômica e histórica da cidade são as priorizadas pela comissão de eventos da ACL, responsável pela realização. Neste ritmo, as duas edições realizadas, ano passado, foram assim intituladas: “As palavras que trouxeram a UFRB para o Recôncavo”, para a qual

---

<sup>6</sup> Documentário dirigido com recursos da Lei Paulo Gustavo pelos cineastas Jheff Santo e Beto Azevedo.

<sup>7</sup> Evento semestral já explicitado no tópico anterior.

foram convidados(as) como expositores(as) o ex-reitor da UFRB, professor Carlos Gabriel Nacif, e a professora do CETEP – Alberto Torres, Marisete Andrade, e “As palavras que a Embrapa trouxe para o Recôncavo”, tendo como expositores(as), a agricultora Jaciara Santos de Sena, o produtor rural e exportador de limão, Paulo Aécio, e o chefe da Embrapa Mandioca e Fruticultura, Francisco Laranjeira. Sem dúvida, ao promover estes encontros, a ACL está a acionar diálogos que contribuem para a construção da memória e a favorecer a interlocução entre atores sociais de diferentes campos da sociedade.

Vale dizer que, mesmo podendo ser tomada como novidade epistemológica a criação de uma academia de letras em Cruz das Almas, é legítimo dizer que a vocação do Recôncavo da Bahia para a literatura tem uma considerável antecedência histórica, se levarmos em conta, por exemplo, que o poeta Castro Alves é filho do Recôncavo. No município de Cabaceiras do Paraguaçu, inclusive, encontra-se o Parque Histórico Castro Alves com uma casa que é a réplica da residência onde ele nasceu e onde estão guardados alguns dos seus objetos pessoais. Para além disso, cabe informar que a Revista Reflexos de Universos, sediada em Cruz das Almas, completa 50 anos de circulação ininterrupta este ano. Contudo, ignorando-se a concretude desses fatos, no imaginário sociopolítico e econômico nacional, o Recôncavo não ressoa como lugar vinculado ao universo dos livros, o que indica que há muito a ser tensionado e problematizado em torno da compreensão literatura x território no Brasil.

É bom dizer também que, desde 2011, com exceção dos anos 2020 e 2021, devido à pandemia de Covid-19, a cidade de Cachoeira, também no Recôncavo, está a conhecer a efervescência literária com a realização da Festa Literária Internacional de Cachoeira (FLICA), evento que atrai para a região nomes importantes da literatura e reúne um público significativo: em 2025, a organização informou que aproximadamente 100 mil pessoas circularam em Cachoeira nos quatro dias de feira. Eventos menores e que também honram o fazer literário estão a acontecer em outras cidades do Recôncavo, a exemplo de Cabaceiras do Paraguaçu, que realiza a Festa Literária Internacional de Cabaceiras do Paraguaçu (FLIPAR); do município de Castro Alves, com a Feira Literária do Poeta (FLIPO), e de Cruz das Almas, com a Feira Literária de Cruz das Almas (FLICRUZ).

## CONCLUSÃO

Tendo em tela que um dos desdobramentos metodológicos da leitura da obra de Raymond Williams, na medida em que ele próprio nos fala da cultura como processo de

significação, é tomarmos o seu próprio empreendimento intelectual como um processo de significação, assumimos então a possibilidade de articularmos sentidos adicionais às categorias de análise que receberam a sua atenção, o que neste artigo foi feito partindo-se de nuances de uma vida cultural que estão temporal e geograficamente distantes do chão e do calendário epistemológicos de Raymond Williams e que eram o Reino Unido, mais precisamente Inglaterra e Gales, e meados e final do século XX, respectivamente.

Ao narrarmos a experiência de uma academia de letras, recém criada em um município no chamado Brasil profundo, ou seja, a Academia Cruzalmense de Letras (ACL), ousamos problematizar a forma como a ideia de minoria se apresenta no esquema teórico de Raymond Williams, a saber: como dimensão social a princípio apartada da cultura comum. Evidentemente, que a ACL precisa ser tensionada e problematizada quanto a uma série de questões, sendo uma delas, a de gênero, visto que ainda não há equidade em sua composição: há uma maioria de homens, apesar da sua presidência ser ocupada por uma mulher negra.

Contudo, acreditamos que pelo exposto aqui é possível afirmar que se trata de uma prática social que está a redimensionar os sentidos em torno da imediata associação traçada entre academias de letras e uma certa “aristocracia da inteligência”, e isso já é bastante quando pensamos na ortodoxia e nos mecanismos de exclusão que delineiam o campo das letras no Brasil, país que demorou a honrar o legado literário da autora Carolina de Jesus, para ficarmos na evocação de um emblemático exemplo. Afinal, como é sabido, a obra de Carolina foi inicialmente classificada como relato socioantropológico.

Logo, a Academia Cruzalmense de Letras é um fenômeno social que merece sim uma investigação científica minuciosa, a qual, se amparada em base teórica condizente, pode vir a resultar na produção de análises inéditas e na sistematização de dados que, seguramente, podem vir a ampliar o volume de trabalhos sobre literatura brasileira e destituição do cânone, por exemplo, e, por conseguinte, expandir o arcabouço intelectual que se volta à interpretação das brasilidades. As abordagens também podem contribuir para o acervo de pesquisas relacionadas aos estudos de território.

Ao observarmos a literatura em uma pequena cidade do interior do Brasil, além de termos condição de ampliarmos a relação entre minoria e cultura comum, como ficou esboçado neste texto, podemos vir a contribuir para minimizar as lacunas nos estudos acerca de pequenas e médias cidades, favorecer a emergência de inovações metodológicas, na medida em que a explanação aqui feita integra um estudo maior sobre a eleição do Brasil profundo como locus epistêmico e, por fim, provocar um debate crítico em torno da riqueza literária que constitui o

Nordeste brasileiro, tanto no tocante à sua vocação para nascedouro de histórias, vide o sucesso da publicação “Torto Arado”, de Itamar Vieira Júnior, quanto no que diz respeito à emergência de movimentos culturais ligados à literatura.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Paulo Cesar; LEÃO, Andréa Borges; TEIXEIRA, Ana Lúcia. Sociologia da literatura: tradições e tendências contemporâneas. **Revista Brasileira de Sociologia**. Vol. 06, Nº 12, Jan-Abr/2018. Disponível em <https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/360> [Acesso em 01.05.2025]

CANDIDO, Antonio. **Recortes**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

CASTELLO, João Victor Martins; MEDEIROS, Júlia Oldra; ALMEIDA, Magali Lippert da Silva. Letras, elitismo e chá: a estrutura de poder na Academia Brasileira de Letras. **Miguilim - Revista Eletrônica do Netlli**, [S.l.], v. 8, n. 3, p. 125-136, 31 jan. 2020. DOI: 10.47295/mgren.v8i3.2155. Disponível em: [periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/2155](http://periodicos.urca.br/ojs/index.php/MigREN/article/view/2155). [Acesso em 16.04.2026]

CEVASCO, Maria Elisa. **Para ler Raymond Williams**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CEVASCO, Maria Eliza. **As Dez Lições Sobre os Estudos Culturais**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

CZAJKA, Rodrigo; BRAGA DE FARIA JÚNIOR, Walmir; NEVES, Dédallo; RAMOS, Eduardo Russo. Raymond Williams e a cultura como problema ordinário. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, e044030, 2023. DOI: 10.1590/2238-38752023v13i1. [Acesso em 16.04.2026]

FERREIRA, Yoshiya Nakagawara. Apresentação: desafios, reflexões e novas fronteiras geográficas. In FUSCALDO, Wladimir Cesar; MARANDOLA, Eduardo., (orgs.). **Quem tem medo do interior? – urbano-rural: que espaço é esse? – contribuições científicas da XVII Semana de Geografia da Universidade Estadual de Londrina**. Londrina: Ed. UEL, 2001.

GONÇALVES, Ana Maria. **Um defeito de cor**. Rio de Janeiro: Record, 2006.

PASSOS, Jacinta. **Jacinta Passos, coração militante: poesia, prosa, biografia, fortuna crítica**. Org. Janaína Amado. Prefácio José Mindlin. Salvador: EDUFBA; Corrupio, 2010.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Territórios cruzados: relações entre cânone literário e Literatura Negra e/ou Afro-brasileira, In: PEREIRA, Edimilson de Almeida e DAIBERT JR., (orgs.). **Depois. o Atlântico**. Juiz de Fora, 2010.

SANTIAGO, Octávio. **Só sei que foi assim: a trama do preconceito contra o povo do Nordeste**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2025.

SILVA, Maurício. A Academia Brasileira de Letras e a institucionalização do academicismo no Brasil do final do século XIX. **O Eixo e a Roda: Revista de Literatura Brasileira**, Belo Horizonte, v. 14, 2007.

VAZ, Sergio. **Cooperifa: antropofagia periférica**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2008.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. São Paulo: Todavia, 2019.

WILLIAMS, Raymond. **The Idea of a Common Culture** [1968]. Republicado em *Resources of Hope*. Londres, Verso, 1989.

WILLIAMS, Raymond. **Cultura e Materialismo**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.